

SAÚDE MENTAL: Brasil tem 16,5 milhões de doentes que precisam de internações e 20 milhões com doenças mais leves

Fotos de Eliana Andrade/Diário de S.Paulo



É como se, acabando com os hospitais psiquiátricos, se acabasse com a loucura

Wagner Farid Gattaz, presidente do Instituto de Psiquiatria da USP



PACIENTE NUM corredor do Hospital Psiquiátrico Pinel em São Paulo: nos últimos 18 anos, Brasil fechou manicômios desumanos, mas doentes ficaram na rua



Agora sim é que estão surgindo os piores depósitos de loucos. Eles ficam fechados, sem tratamento nem fiscalização

Gilson Magalhães, presidente da Associação dos Amigos e Familiares de Doentes Mentais da Bahia

Sem hospícios, morrem mais doentes mentais

Em cinco anos, governo fechou um quarto dos leitos psiquiátricos, sem criar serviço substituto; mortes subiram 41%

Editoria de Arte

Soraya Aggege

• SÃO PAULO. Eliana perambulava pelas ruas de São Paulo. Não sabe de onde veio. Nem se é mesmo Eliana. Lembra que já foi internada e tomava “remédios para a cabeça”. Até que atendeu às ordens de “um rádio” — que alguém teria implantado dentro da sua cabeça. Desesperada, saiu de casa. Está perdida. Valentim Gentil Filho, professor da USP e um dos psiquiatras mais recomendados do Brasil, a cada dia encontra nas ruas mais doentes como Eliana, em surto e sem socorro. Indignado, escreveu ao Conselho Federal de Medicina (CFM): “Pergunto se, ao passar por um doente mental grave e não atendê-lo, estarei infringindo o Código de Ética Médica, além de cometer crime de omissão de socorro”. Não recebeu resposta. Provavelmente porque as histórias de Eliana e do próprio Valentim estejam se repetindo pelo Brasil, como pano de fundo de uma das mais complexas e silenciosas crises que o Brasil enfrenta na rede pública de saúde: a desassistência de pacientes mentais. O dado mais aterrador é do próprio Ministério da Saúde: o número de mortes de doentes mentais e comportamentais cresceu 41% nos últimos cinco anos, como mostram dados inéditos obtidos com exclusividade pelo GLOBO. Foram 9.398 doentes mentais mortos em 2006, contra 6.655 em 2001. No mesmo período, um quarto dos leitos psiquiátricos do país foi fechado, sem que fossem criados serviços substitutos suficientes.

Asilos de fachada exploram doentes

• A luta antimanicomial começou no Brasil há 20 anos, quando ganhou corpo na esquerda mundial o debate sobre o fim dos hospícios e o tratamento dos pacientes fora dos hospitais. A inspiração foi o modelo definido pelo italiano Franco Basaglia que, em 1961, assumiu a direção do Hospital Psiquiátrico de Gorizia e transformou o manicômio em uma comunidade terapêutica, com princípios humanistas. O modelo se espalhou pelo mundo. Há 18 anos, o então deputado Paulo Delgado (PT-MG) apresentou projeto de lei propondo o fechamento dos hospícios (o projeto foi rejeitado). A política antimanicomial só foi estabelecida legalmente em 2001, com a lei 10.216, que protege direitos dos doentes e redireciona o modelo assistencial. Seis anos depois, o país vive uma encruzilhada: fechou parte dos desumanos manicômios, mas não criou atendimento suficiente para doentes saídos

A saúde mental no Brasil

QUEM PRECISA DE ATENDIMENTO

21% da população brasileira, o equivalente a 39 milhões de pessoas, necessitam ou vão precisar de atendimento em algum tipo de serviço de Saúde Mental, diz o Ministério da Saúde

5,5 milhões (3% da população brasileira) sofrem com transtornos mentais graves e persistentes, como esquizofrenia

22 milhões (12% da população) necessitam de algum atendimento, geralmente ambulatorial. Formado por deprimidos e ansiosos, é o grupo que mais tem crescido no mundo

11 milhões (6% da população) têm transtornos psiquiátricos decorrentes do uso de álcool e drogas. Um total de 9% da população brasileira é alécolatra

OS LEITOS PARA SAÚDE MENTAL NOS HOSPITAIS

Entre 2003 e 2006, houve redução de 2.184 leitos ao ano; 12.551 leitos foram extintos em seis anos

Até 2007, foram abertas cerca de 2.400 vagas em hospitais gerais

A redução dos leitos para saúde mental no Brasil

Ano	1989	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Leitos	120.000	66.393	60.968	52.962	51.393	48.303	45.814	42.076	39.567

Até agosto de 2007: 38.842

Considerado o crescimento populacional, a redução foi de aproximadamente 80% em 18 anos

Do total de leitos psiquiátricos, cerca de 2.400 estão em hospitais gerais e foram criados no mesmo período de 18 anos, para tentar contrabalançar o fechamento de leitos específicos

COMO É O ATENDIMENTO NOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

CAPs, *menina-dos-olhos da reforma psiquiátrica*

- 90% dos CAPs não têm atendimento noturno ou nos feriados e fins de semana
- A maioria das cidades não tem CAPs 24 horas para atender surtos
- Quinze anos depois de implantados, só 11 estados têm boa ou muito boa cobertura de serviços
- Não há psiquiatras em regime de plantão em toda a rede, apenas psicólogos
- 41,3% dos CAPs informaram não receber todos os remédios solicitados, segundo o TCU

FONTES: Ministério da Saúde, Associação Brasileira de Psiquiatria, Associação Brasileira de Hospitais, pesquisas Ibope e pesquisas do Instituto de Psiquiatria da USP



PACIENTE DO Centro de Atenção Psicossocial de Perdizes (SP): rede atende de forma restrita, com horários determinados e raros locais de internação

dos hospitais. O Brasil tem 16,5 milhões de doentes mentais que precisam de internações eventuais, além de tratamento ambulatorial. E mais de 20 milhões de brasileiros têm doenças mentais mais leves e podem precisar de tratamento. De 2002 a 2007, o total de leitos psiquiátricos caiu de 51.393 para 38.842. O governo se comprometeu a criar leitos em hospitais gerais e uma rede de atendimento comunitário, além de residências terapêuticas para pacientes. Mas, até hoje, só foram instalados 2.400 leitos em hospitais gerais — que, pelo

projeto da reforma psiquiátrica, eram os únicos que deveriam continuar existindo depois do fechamento dos manicômios. No lugar dos 12.551 leitos fechados, foi montada uma rede com 1.123 CAPs (Centro de Atenção Psicossocial), a maioria com serviço ambulatorial. Relatório de 2005 do Tribunal de Contas da União avalia que a rede é restrita, com raros locais de internação. O resultado está nas ruas, por onde perambulam antigos pacientes rejeitados pelas famílias. Rosa Ferreira de Souza, de 33 anos, viveu em hospícios. Já le-

vou “banho de vassoura” (surra) porque agredia funcionários. Passa as noites diante do CAPS de Perdizes, em São Paulo. — Gosto de dormir na porta, porque quando abrem já tenho atendimento. Tomo remédio todo dia porque, sem ele, as pessoas falam uma coisa, entendo outra e fico agressiva. Aqui fico mais tranqüila — explica. Muitos doentes que, como Rosa, conseguiram sair de hospícios não recorrem aos CAPs. João Nogueira perambula pelo Centro de São Paulo e dorme no Largo do Paissandu. Ele conta que morou 20 anos no Hospital

Juquery, em Franco da Rocha, e foi liberado há dois anos: — Tinha família, mas não me quiseram. Achar que vou botar fogo em tudo. Não gosto deles. No hospital era ruim, tinha choque, mas davam mais comida. O atendimento ambulatorial também é precário. Pesquisa do Ibope para a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) em 2007, com 2.000 doentes que dependem da rede pública, revela que só 33% conseguiram agendar consulta em menos de 30 dias, mesmo em crise. — São pessoas com sofrimento grave, que ameaçam se ma-

tar, agredir outras. Não defendemos internações permanentes, mas eventuais, para salvar vidas — diz o presidente da ABP, João Alberto Carvalho. — Desinternar pacientes é o objetivo dos médicos. Despejá-los nas ruas tem sido a ação do governo. É como se, acabando com os hospitais psiquiátricos, se acabasse com a loucura. O governo quer fazer a reforma pelo fim — reclama o presidente do Instituto de Psiquiatria da USP, Wagner Farid Gattaz. O presidente da Associação dos Amigos e Familiares de Doente Mentais da Bahia, Gilson Magalhães, diz que, em Salvador, estão surgindo clínicas de fachada que ficam com a aposentadoria dos doentes: — Estão surgindo os piores depósitos de loucos. Eles ficam fechados, sem tratamento nem fiscalização. Temos visto doentes que não têm família abandonados nas ruas, confundidos com andarihos, mendigos ou criminosos — disse Magalhães.

Tratamento interrompido

• Em Sorocaba, no interior paulista, o problema maior tem sido ambulatorial: — Os doentes recebem medicamentos por três, quatro meses. De repente, não recebem mais. Quem cuida dessa reforma não sabe o que é ter um doente mental em surto em casa — protesta o presidente da Associação dos Familiares de Doentes Mentais, Douglas Parra. Em Porto Alegre, o Sindicato dos Médicos lançou a campanha “Loucura é a falta de leitos psiquiátricos”. O governo gaúcho lançou uma contraproposta: — Vamos pagar R\$ 1.500 por leito aberto em hospital geral. Se não fossem os viciados em drogas, que aumentam a cada dia, teríamos leitos suficientes — disse o secretário de Saúde do estado, Osmar Terra. Leis e portarias determinam que o Brasil tenha 0,45 leito para cada mil habitantes. Mas o país só tem 0,21, e ainda precisa fechar manicômios para seguir com a reforma psiquiátrica. Na cidade de São Paulo, a rede só absorve 45% da demanda. — A cada mês, em média 600 doentes que receberam recomendação psiquiátrica para serem internados estão ficando sem socorro — diz o coordenador de Saúde Mental do Município, José Moura Neves Filho. E resume: — A gente tanto fez para derrubar os muros dos hospícios que confundiu as coisas. O movimento antimanicomial criou preconceito com a psiquiatria. Quase não temos hospitais psiquiátricos nem onde internar casos graves. ■